

Mas por que é que o meu filho se meteu nisto?

Um é bailarino e um iconoclasta do flamenco, o outro é actor e faz um teatro ancorado na realidade documental. Um é sevilhano e em criança levavam-no ao culto evangélico; o outro cresceu em Orleães e teve de decorar o *Alcorão* sem entender uma única palavra. Um é filho de um ex-bailarino de flamenco tradicional; o outro de um operário analfabeto. Um queria ser jogador de futebol, mas o pai furava-lhe as bolas, para ele não faltar às aulas de dança; o pai do outro teria querido que o filho se tornasse numa vedeta das quatro linhas, e nunca entendeu por que é que ele, tão bom aluno, se pôs a fazer teatro. Um chama-se Israel Galván; o outro Mohamed El Khatib. Juntaram-se para escreverem em conjunto uma 'carta aos pais', sob a forma de um espectáculo intitulado *Israel & Mohamed*, estreado no Festival d'Avignon do ano passado.

Através das entrevistas gravadas com os seus progenitores, Israel Galván e Mohamed El Khatib revelam-nos a distância geracional que os separa dos pais — mas também o amor que os une. Diz o pai de Galván, evocando a noite em que assistiu à estreia do primeiro espectáculo coreografado pelo filho (e saiu a meio): "Aquilo não era flamenco, não era nada". Pergunta o pai de Mohamed ao filho, sobre a sua escolha profissional: "Se tiraste uma licenciatura, por que é que te puseste a fazer teatro? O problema agora é teu". Tânger, a terra do pai de El Khatib, e Sevilha, a do pai de Galván, distam apenas 236km. Mas apesar das reminiscências da cultura Al-Andaluz comum, quando os pais destes dois criadores nasceram a distância entre os seus dois mundos era enorme. E, no entanto, os seus filhos convocam-nos agora para este espectáculo, dialogando com eles. Juntos, sob o olhar 'de Medusa' dos seus pais, os dois criadores procuram uma linguagem comum fundada nas suas feridas e nas suas cicatrizes: tanto os ligamentos dos joelhos de um como os do outro se romperam. O actor deixou de jogar futebol; o bailarino terá de reinventar o seu percurso na dança. No fundo, essas suas rupturas de ligamentos fizeram com que se encontrassem no palco, para criar uma peça sobre reatar ligações — ligamentos — com os pais. Inês Nadaís, no jornal *Público*, escreveu que o mais difícil neste espectáculo é sermos capazes de conter as lágrimas.

Amanhã no Palco Grande da Escola D. António da Costa.



© Yohanne Lamouliere

Conversa com Tom Corradini

Tom Corradini estará amanhã às 18h00 na Esplanada da Escola D. António da Costa para conversar sobre *Mussolini*, que esteve em cena no passado fim-de-semana na

Academia Almadense. Neste espectáculo, Corradini constrói uma sátira ao ditador italiano, revelando o seu lado privado, sem nunca realizar um julgamento moral. O actor e encenador viu o seu espectáculo ser premiado no Festival Fringe de Praga 2015 (Melhor Espectáculo) e no Festival Off de Avignon 2017 (Melhor Monólogo).

Hits, MPB e canções novas

O trio Dani El Chico toca amanhã no Palco da Esplanada um repertório musical onde não faltarão os *hits* globais, temas originais, música popular brasileira e muitas outras sonoridades. Este agrupamento é composto por Daniel Chico (compositor, músico e cantor), Dani Góes (percussão) e Breno Cavalcanti (flauta transversal e saxofone): três intérpretes brasileiros que fazem parte da comunidade de artistas imigrados em Lisboa.



© Helena Alba

Oh, que calor!

7 de Julho de 2026. É tempo de férias em Lisboa. Mas não férias do teatro. Num Festival discreto e selecto, deparamo-nos com um encenador de quem têm muitas saudades vários amantes de teatro no Norte da Europa: Peter Stein. E com ele, claro, Tchecov. A viagem para chegar ao teatro fazemo-la navegando. O *ferry* demora dez minutos a atravessar o Tejo, desde o cais no centro de Lisboa até à península de Almada, mais a Sul. Há muito que esta cidade se tem tornado numa alternativa a Lisboa para morar, uma vez que o turismo na capital teve uma verdadeira explosão, e os preços desregulados do mercado imobiliário têm continuado a subir.

Almada é hoje densamente povoada. Mesmo no centro da cidade situa-se o Teatro Municipal Joaquim Benite, um edifício azul-celeste que data de 2005: é a casa do Festival de Almada, que se realiza todos os anos em Julho. A cidade geme sob uma canícula de 35 graus. No palco, Abram Abramovich limpa a testa ao entrar em cena e queixa-se da temperatura: “Oh, que calor!”. Os risos são garantidos, mas é apenas essa

a única referência ao presente imediato neste espectáculo.

Peter Stein faz passar a sua encenação num mundo atemporal. Qualquer outra opção teria constituído uma surpresa. E, no entanto, este *Platonov* respira uma leveza meridional que, até ao intervalo, retira belissimamente qualquer peso à peça. Cinco horas em italiano, com legendas em português, poderiam parecer uma tarefa árdua para uma alemã. Mas até o salão da viúva do general, Anna Petrovna (interpretada por Maddalena Crippa), nos oferece uma vista desafogada, através de uma parede simples de gradeados, para um arejado jardim de sebes — e a atmosfera assim se mantém.

Lá fora, após o espectáculo, o tempo arrefeceu; nos cafés, o jogo de futebol entre Portugal e Espanha está a ser transmitido em grandes ecrãs; o cacilheiro ainda está vazio; a brisa acarinha-nos deliciosamente; e a paisagem nocturna de Lisboa brilha ao fundo, tal como é repetidamente descrita em *Platonov*: como é bela, a noite.

Simone Kaempf, in *Nachtkritik.de* (Alemanha).

Teatro em censura

Conversámos com Miguel Falcão — curador da exposição *Espelhos de ver por dentro* — sobre a origem desta mostra e a forma como foi projectada a sua exibição em Almada.



© Pedro Castanheira

Como está estruturada esta mostra?

Em seis núcleos, através dos quais se procurou apresentar uma panorâmica do interesse,

das referências e da actividade dos neorealistas em torno do teatro, mas também dos constrangimentos e das formas que encontraram para comunicarem com os vários públicos, durante a ditadura do Estado Novo. Parte-se da “escrita para teatro”, bastante mais volumosa do que tem sido referido, publicada em periódicos e livros; passa-se pela “relação com a censura” e pelo papel que alguns neorealistas tiveram na “renovação da cena portuguesa” nos anos 40 e 50; mostram-se espectáculos nos mais reconhecidos “palcos autorizados”, mas também as estratégias seguidas para ludibriar as polícias políticas nos “palcos clandestinos”. No último núcleo, “depois do neorealismo”, evidencia-se o interesse crescente dos criadores pelas obras daquele movimento, através de dezenas de espectáculos montados desde o ‘25 de Abril’.

Como é que este projeto vem para Almada?

A exposição esteve patente no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, entre Novembro de 2025 e Abril de 2026. Surgiu de uma proposta do seu director, que me convidou para fazer a curadoria, uma vez que faço investigação em estudos de teatro, e sobre este assunto em particular, há mais de 25 anos. Tratando-se de uma exposição sobre teatro, pareceu-me que teria de ter uma componente performativa (durante aqueles meses, houve uma programação paralela com leituras ence-

Restaurante da Esplanada

HOJE

Piano no forno

Moqueca

Risotto de beringela e tomate

AMANHÃ

Tajine de frango e legumes

Lasanha de bacalhau

Bolonhesa de cogumelos

O Livro do Dia



Fenda é o terceiro texto para teatro de Rodrigo Francisco. Esta peça foi estreada em Março de 2019, na Sala Principal do TMJB, num espectáculo protagonizada por Maria João Abreu e Mina Andala. O livro é prefaciado por António Guerreiro.

2€ na Banca do Festival

nadas, teatro radiofónico, espectáculos...) e uma componente cenográfica. Daí o meu convite ao director de arte Artur Pinheiro, para trabalhar comigo e com a equipa do Museu.

Sabendo que essa versão original incluía mais documentos, qual foi o critério da adaptação para Almada?

Apesar da complexa reconfiguração da exposição para este espaço, procurámos manter a maioria dos conteúdos, com pontuais supressões de materiais digitais. Para garantirmos a amplitude dos corredores e núcleos, por onde passam diariamente várias centenas de espectadores/visitantes, também optámos por suprimir os materiais autênticos, expostos em vitrines, e incorporá-los no grafismo. A exposição, que foi bastante visitada no Museu, ganhou um novo fôlego no Festival, onde está a chegar a um público ainda mais vasto e diversificado. Esta parceria convosco não poderia ter corrido melhor.